

MONTIJO



Semanario Republicano de Propaganda e Defesa dos Interesses do Concelho de Montijo

Proprietario e Editor — *Renato Augusto Soares Homem*

Director — *João Antonio Xavier Lopes*

Administrador — *Frederico Guilherme Ribeiro da Costa*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Candido dos Reis, 133 — MONTIJO — COMP. E IMP. Tipografia ALBINO, Avenida Todi — SETUBAL

Pró Asilo S. José

Do grupo de desporto Aldegalense Sport Club, em resposta ao apelo por nós lançado em favor do Asilo S. José e motivado pelo alvitre inserido no nosso ultimo numero, recebemos o officio que a seguir transcrevemos:

Montijo, 8 de Abril de 1931.

Ex.^{mo} Sr. Director do semanario *Montijo* — Nesta.

Tendo sido, em reunião da Comissão Technica deste club, apreziado o «Alvitre, Pró Asilo S. José», inserto no vosso mui lido semanario, deliberou a mesma comissão, por achar de um grande altruismo o mesmo alvitre, visto que, é um dever de todo o bom cidadão contribuir na medida das suas forças para o bem estar e conforto dos velhinhos, pôr á disposição de V., para o fim indicado, o seu «team de Honra» e do seu campo de jogos, visto ser ele o que oferece maiores comodidades ao publico, para que se realice num domingo, á vossa escolha, o pedido encontro de football entre o já oterecido nosso team e o «team de Honra dos Onze Unidos».

Fazendo sinceros votos, para que V. veja coroado do melhor exito a benemerita missão que tomou a seu cargo, desejamos Saude e Sport e confessamo-nos de V. Attos. e Venes.

Pela Comissão Technica

Eduardo Soares
Secretario

Até á hora de fecharmos o nosso jornal ainda não foi recebida na nossa redacção qualquer comunicado do Onze Unidos Sport Club, que aguardamos seja favoravel, dado o fim altruista a que se destina.

Ferias da Pascoa

Muitos dos estudantes desta vila, que vieram passar as ferias da Pascoa com suas familias, já começaram a retirar para as respectivas escolas.

Aos indiferentes

Uma noite destas, ao voltar para casa, hora adiantada, enxerguei um vulto junto ao meu valado.

Ao aproximar-me, reconheci um homem embrulhado nuns farrapos, dormitando.

Chovia lentamente, como lagrimas escorregando em rostos desgraçados. E ali, no chão, aquele miseravel, a cabeça sobre uma pedra, num vácuo de afeições, tinha um *rictus* plácido de conformação!

Puz-me a pensar. Pensar é quase sempre um principio de tristeza; mas sobre a minha alma de ha muito se estende um véu de espessa melancolia e uma vez nas suas garras, o hábito faz-se dever.

Aquela mesma hora, quantos felizes do mundo gozavam as venturas duma existencia alegre, saudavel, descuidada, em confortos lantejoilados, em bacanaes de fartura e de prazer!

E naquela pedra, sobre a lama e sobre a mágua, davam as mãos, cabriolando, a fome e a desventura!

Como a *pieuvre* de Victor Hugo, uma cabeça humana, aferrada á sua dor, tinha as algemas ligadas a um corpo de crápula.

E nesse corpo um coração; e nesse corpo uma alma e nesse corpo um estomago!

Curiosa amálgama.

Por veses, a vida tem aspectos interessantes, fantasticos, singulares, sem os quais esta sensaboria passava ao asco.

Irónico destino do homem, que faz revoltas, que finca o desespero, que esmaga, que prósta e que anula...

Ha dias uma artista de animatografo, — Pola Negri se não me engano — gasta 650.000 francos em joias!

E eu ponho-me a olhar o miseravel. Tem a barba crescida e branca; na cabeça um barrete esburacado e para se cobrir... a grande cortina do ar!

Ainda esta semana se vendeu uma *carpette*... um tapete, por 14.000 libras!

E eu ponho-me a analisar o pobre...

Não tem botas nem meias e a chuva canta sobre ele a formidavel balada das amarguras.

Arrasta-se o luxo em farandolas macabras pelas avenidas das cidades.

Num galope estonteador passa o vicio tilintando e guisalhando.

E eu ponho-me a espreitar o triste.

Não tem camisa e encolhe-se e enrosca-se e diminue-se e apouca-se para se aquecer, na propria carne e no proprio sangue!

Vejo ao longe o clarão ciclópico e baço da capital.

Quanto por lá se esbanja! Quantas migalhas que seriam milhões e quantos milhões que foram crimes!

A luz em fôcos, a jorrós, marcando a corrupção...

E ali fica, na escuridão, no lodaçal, na imundicie, a coçar-se insensivelmente, estropiado, pustulento, aquele frangalho humano!

Quando acordar, olhará o sol e assobiará. O assobio é o grande amigo dos pobres e dos tímidos. Depois, partirá... por aí fora. Sabe-se lá para onde? Por aí fora. Três palavras num colosso de tor-

Ainda o nosso 1.º aniversario

A todos quantos nos enviaram felicitações pelo nosso 1.º aniversario e que não mencionamos aqui pela absoluta falta de espaço, agradecemos penhorantemente, bem como a todos os nossos colegas na imprensa, que nos dispensaram encomiasticas palavras.

A C. P.

Por varias veses, temos aqui reclamado providencias á Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, para o mau estado em que se encontra a ponte que atravessa a linha e liga a rua Miguel Pais e rua da Bela Vista; pelo constante perigo em que se encontra a estação desta vila e ainda outras, sem vislumbre de sermos ouvidos.

Julgavamos que a falta dessas providencias seria por motivos que ignorassemos, mas agora já sabemos a razão, baseados em informações do nosso colega o «Sul e Sueste», em que nos diz que a C. P. gasta com 1.161 quilometros da sua rede propria, mais 48.711.745\$24, do que gastavam os C. F. E. com 1344 quilometros.

E aqui teem os nossos leitores a razão, porque a C. P. não nos tem atendido.

O dinheiro não pode chegar para tudo, dirá a sua direcção, quando lhe chegam aos ouvidos as nossas reclamações.

turas. Como um cão lambiscando, aqui, alem, nos monturos. A fome manda e dizem, por graça, que é negra. Mais negra lhe vai a alma certamente.

Mas lá parte. Para onde?

Ao acaso.

Para a rua, para os bancos, para outro valado.

A chuva canta com mais força. O vento arrepia como uma bebida amarga... e o tropeço, o ninguem, o zero, o nada, lá fica no seu leito de pedra e terra sob a trágica mudez das nuvens pardacentas!...

Alvaro Valente.

EDITOS

2.ª publicação

O doutor Jacinto Amado de Vasconcelos Raposo, Juiz de Direito desta comarca de Montijo.

Faço saber que pelo Juizo de Direito da comarca de Montijo, cartorio do primeiro officio, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anuncio, citando Carlos da Silva, Alvaro Jorge dos Reis Moraes, e Fernando dos Santos Calado e mulher D. Beatriz da Conceição Esteves Verissimo Calado, todos proprietarios, cuja ultima residencia conhecida foi na rua Almeida Brandão, numero dez, rez-do-chão, em Lisboa, e actualmente ausentes em parte incerta, para no praso de cinco dias, findo que seja o dos editos, impugnarem, querendo, o pedido na acção de despejo que lhes movem Fernando Ferreira e mulher D. Diamantina Oliveira de Medeiros Ferreira, proprietarios, moradores nesta vila de Montijo, sob pena de, não o fazendo, se considerar ipso facto confessado o despejo, ficando os citandos ou quem estiver occupando o predio rustico no sitio do Brejo, desta freguesia de Montijo, pertencente aos autores, obrigados sob pena de desobediencia, a despeja-lo imediatamente e condenados no pagamento das rendas em divida devidamente actualisadas, e nas custas e procuradoria.

Para constar se passou o presente que será afixado no lugar designado na lei.

Montijo, 16 de Março de 1931.

Eu, Alvaro Pedro Baptista Pereira, o subscrevi.

O Juiz Direito

Jacinto Amado de Vasconcelos Raposo

ANUNCIO

2.ª publicação

No dia 19 de Abril, proximo, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua Lr. Afonso Costa (antiga rua do Cais), desta vila, e pelos autos de execução por custas e selos que o Ministerio Publico move contra Tiago de Oliveira Rodrigues, do Barreiro, vai pela terceira vez á praça, para ser arrematado, por quem maior preço oferecer, o seguinte:

Umás casas terreas, com quintal, sitas na rua João de Deus, da vila do Barreiro, desta comarca.

Pelo presente e respectivo edital são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 20 de Março de 1931

O Escrivão do 3.º officio

João Frederico de Brito Figueireda Junior

Verifiquei

O Juiz de Direito

J. Raposo

ANUNCIO

2.ª publicação

No dia 19 de Abril, proximo, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua Dr. Afonso Costa (antiga rua do Cais), desta vila, e pelos autos de carta precatória, vinda da 6.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, extraída dos autos de execução hipotecaria, em que é exequente a Companhia Geral do Credito Predial Portuguez, e executados Antonio Marques Piedade e mulher, moradores em Coina, vai pela primeira vez á praça, para ser arrematado por quem maior preço oferecer, acima do valor abaixo designado, o seguinte:

Um predio composto de lojas e primeiro andar, armazem e quintal, e em parte deste um armazem, adega, abegoaria, cocheira e poço, sito no sitio de Coina, desta comarca, no valor de 1.684\$80.

Pelo presente e respectivos editais são citados quaisquer credores incertos, para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 23 de Março de 1931

O Escrivão do 3.º officio

João Frederico de Brito Figueireda Junior

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

J. Raposo

ANUNCIO

1.º publicação

ARREMATAÇÃO JUDICIAL

3.ª Praça

Pelo Juizo de Direito da comarca de Montijo, cartorio do 2.º officio, escrivão Ramos, se ha-de proceder no dia 19 de Abril proximo futuro, pelas 14 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, situado na rua Dr. Afonso Costa, desta vila, á arrematação em hasta publica, dos predios abaixo descritos, que vão pela terceira vez á praça, sem valor, por não terem obtido lanço algum na primeira e segunda praças que se realisaram nos dias 1 e 22 do corrente mez de Março, e nos autos de execução por custas e selos que o Ministerio Publico move contra os executados Maria da Costa Coelho, viuva, e outros, moradores em Pegões, desta comarca.

A ARREMATAR

Predio rustico no sitio de Vale de Pousadas, freguesia de Canha, descrito na Conservatoria do Registo Predial desta comarca, sob o n.º 697, que vai á praça sem valor. Predio rustico no sitio da Cova da Onça, freguesia de Canha, descrito na Conservatoria do Registo Predial desta comarca, sob o

n.º 9309, que vai á praça sem valor. Predio rustico no sitio da Courela da Quinta, freguesia de Canha, descrito na Conservatoria do Registo Predial desta comarca sob o n.º 8.060, alodial, que vai á praça sem valor.

Para a praça são citados todos os credores incertos.

Montijo, 27 de Março de 1931.

O escrivão do 2.º officio,

João Francisco Ramos

Verifiquei

O Juiz de Direito

J. Raposo

ANUNCIO

1.ª publicação

ARREMATAÇÃO JUDICIAL

2.ª Praça

Pelo Juizo de Direito da comarca de Montijo e cartorio do 2.º officio, escrivão Ramos, se ha-de proceder no dia 19 do proximo mez de Abril, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, situado na rua Dr. Afonso Costa, desta vila, á arrematação em hasta publica, dos bens abaixo descritos, que vão pela 2.ª vez á praça, por metade dos seus valores, nos autos de inventario orfanologico a que neste juizo se procede por obito de Maria Gertrudes de Bastos, moradora que foi nesta vila de Montijo.

A ARREMATAR

Uma comoda velha, que vai á praça no valor de 20\$00. Uma mesa de cosinha, que vai á praça no valor de 7\$50. Uma mesa de abas, velha, que vai á praça no valor de 12\$50. Duas cadeiras usadas, que vão á praça no valor de 5\$00. Um relógio antigo, que vai á praça no valor de 12\$50. Um espelho antigo, que vai á praça no valor de 5\$00. Dois bancos pequenos, que vão á praça no valor de 5\$00. Uma fazenda composta de terras de sementeira, vinha e arvores, no sitio do Seixalinho, freguesia de Aldegalega, foreira em 18\$00 anuais, sem laudemio, e com vencimento em 2 de Setembro, a Carlos José d'Almeida Gonçalves, morador em Lisboa, e descrita na Conservatoria do Registo Predial desta comarca sob o n.º 7.805, a fls. 22 v. do Livro B 21, que vai á praça no valor de 5.000\$00.

Para a praça são citados os credores incertos.

Montijo, 24 de Março de 1931

O Escrivão do 2.º officio

João Francisco Ramos

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. Raposo

CARTAS DA MINHA TERRA

II

A vila de Canha e o novo

Codigo Administrativo

Nada tenho visto na imprensa que se relacione com a discussão que devia haver em volta do projecto do novo Codigo Administrativo e que está sendo publicado na imprensa da Capital. É um assunto bastante importante, para o qual, desde as grandes cidades aos mais pequenos logarejos do paiz, haveria interesse em tornar perfeito. Duma boa lei de administração depende muitas vezes a criação de elites de patriotas e de amigos do engrandecimento local. Canha, Lavre, Torrão e outras freguesias, que com as reformas posteriores a 1820, perderam o seu municipio e a sua grandeza, ficaram reduzidas a simples logarejos sem importancia.

O novo Codigo Administrativo agora em projecto, vem dar-lhes mais vida e acautelar os interesses da comunidade com mais segurança. Refiro-me, está claro, ás Juntas de Freguesia. Acho muito bem que sejam as auditorias que julguem as contas destas corporações, acautelando assim a comunidade contra os desmazelos e má administração dos seus membros.

Dê-se ás Juntas de Freguesia toda a descentralização possível, sejam autonomos estes corpos administrativos como se pretende, mas que o poder central vigie e fiscalise todos os seus actos em estreita colaboração. Não é um contracenno, nem inconsciencia minha, porquanto, fanatico como sou pelo engrandecimento da minha terra, vejo nessas disposições motivos de incitamento e trabalho. O que sucede com Canha, sucede com todas as povoações que já foram grandes e sendo a sua população superior a 2 ou 3 mil habitantes, ainda reservam no seu seio, verdadeiros apaixonados pelo seu progresso.

O que precisam é quem os guie, quem os encaminhe, quem os force, enfim, a organisarem-se em elite patriótica que a paixão pelo torrão natal leve á abnegação e ao altruismo. Essa missão só ao poder central deve competir, fiscalizando e fazendo cumprir a lei.

O Codigo Administrativo de 1888, art. 373.º, impunha multas severas aos corpos administrativos que não dessem contas nos prazos legais. Agora não, depois da lei de 7 de Agosto de 1912, são as Juntas de Freguesia que julgam as suas contas e não tendo obrigação de as submeterem á aprovação superior (salvo qualquer disposição recente que desconheço) andam, certamente, a reboque pelos arquivos, aguardando que alguma providencia governamental as faça pôr em dia.

Artur Oliveira.

Lede e propogae

o Montijo

Retalhos

Pela Ordem

A ordem, é um dos mais elementares principios da disciplina que deve regular o bom funcionamento da vida moral e social dos povos civilizados, porque não ha sociedade perfeita sem ordem, sem metodo e sem harmonia, embora haja — estranho criterio! — quem *defenda a teoria de que a desordem é uma manifestação de vitalidade*, como se a vitalidade possa exercer-se sem ordem!

A Vitalidade é a vida e a vida é a existencia activa que dirige e conduz os povos ao trabalho util, honrado e vigoroso, que os eleva ás condições de um bem estar necessario e indispensavel á sua relativa felicidade. Ora é, por conseguinte, nestas manifestações que os mesmos povos sentem e demonstram a sua vitalidade, tudo o mais não é nada ou, se alguma coisa é, é miseria, é pobreza e degradação. Com desordem, não ha progresso, ha retrocesso, ha confusão, confusão e desordem são uma e a mesma coisa porque são sinonimas.

Nesta ordem de ideias, pois, nós, como sempre, continuamos proclamando e defendendo a ordem, como uma necessidade impreterivel ao desenvolvimento dos varios organismos sociais.

Só assim, dentro das normas gerais da ordem, os povos puderam progredir, elevar-se e viver.

João Fernandes

RECORDANDO

Nestes calamitosos tempos de tanta perturbação, parece-nos agradável ao espirito insaciavel de justiça e direito, recordar paginas imorredoiras da historia social das nações. Assim me encontrei um destes dias a pensar e a rememorar passagens da revolução francesa, naquele intenso desejo espiritual de viver pela beleza dos gestos e pela majestade dos factos.

Recordava eu, então, aquela famosa reunião da Convenção, no palacio das Tulherias, no dia 21 de Setembro de 1792, sob a presidencia de Petion. E recordando, invocava a figura historica do abade Gregorio, daquelle que nessa mesma memoravel sessão, usando da palavra, dizia: «Cidadãos! Os reis são na ordem moral o que os monstros são na ordem fisica. Os palacios dos reis são as oficinas dos crimes e os covis dos tiranos. A historia dos reis é o martirologio dos povos.

Proponho, pois, que uma lei solene, consagre hoje aqui a abolição da realza em França!»

E como a assembleia, num movimento espontaneo, adoptasse, por aclamação, essa proposta, logo o presidente se levanta e lê o seguinte decreto:

TRISTESA

III

Adeus.

Parte I

Porque me olhas com tristeza?
Deixa...

A vida é triste e orgulhosa...
Nunca se queixa...

Se algum dia te lembrares
Da minha boca pequena,
Rubra,
Olha o sol no alto, e pede-lhe
Que se encubra.

E quando a terra mergulha no véu
Da mais negra noite,
Verás brilhante e fulva pelo céu,
Uma estrelinha meiga, quasi louca...

E beija-a, porque beijas
Minha boca.

ANTONIO ROSADO

«A Convenção Nacional decreta: E' abolida a realza em França.»

Ao terminar, uma formidavel manifestação de entusiasmo e de alegria ecoou pelas salas do palacio e ficou ecoando pelos seculos em fóra. Os convencionais abraçavam-se, beijavam-se e os vivas á nação e á republica saíam de todos os peitos, repetidos e secundados pelo publico das galerias.

Tudo isto se passou ha quase século e meio e o nosso espirito compraz-se em recordar e a nossa alma dilata-se e vive mais intimamente na certeza das lições da historia. Tamanho o poder das ideias e dos principios!

Ali foram beber todos os que pretendem a emancipação dos povos, num sonho de mais fraternidade.

E ainda ha espiritos que o não entendem e o não querem sentir!

Alvaro Valente.

Parque Municipal

Vão muito adeantados os trabalhos de plantação de arvoredos, nas novas avenidas delineadas no antigo Convento da Senhora da Conceição e respectiva cêrca, as quais fazem parte do Parque Municipal.

As arvores agora plantadas são olaias e tilias, que no futuro farão bonitos e agradaveis arruamentos.

Este melhoramento, de ha muito se fazia sentir, pois que uma vila como Montijo, não tinha um tão util recreio.

A SINFONIA DO MEDO

— Porque tremes ó poltrão?

A primavera tem decorrido mansa, poeticamente, sem ameaças de tempestade nem rumores de grandes trovoadas. As andorinhas já começam a construir seus ninhos nos beirais dos telhados, pacificamente, dando a impressão de que a terra se converteu num verdadeiro paraíso. Não se vê o voejar das gaivotas cá pela terra nem se ouvem os pipilos atemorizados dos maçaricos medrosos. Tempestades humanas, quem ousa falar nelas? Ha muito tempo que passou em Portugal o regime da desordem constante em que todos se embrenhavam, nessa mal-fadada época em que te dizias republicano. Hoje ainda continuas a dizer-te republicano mas apenas em voz baixa para que os outros não possam ouvir. Qual a razão do teu receio? Que mal antevês para a tua maneira livre de pensar? O que é certo, o que é indiscutivel é que tu tens medo, um grande medo, um terrivel medo, medo de ser republicano em face dos reaccionarios e, ao mesmo tempo, medo de que nós, republicanos, te julgemos monárquico. Não sei como podes viver no meio dum tal estado nervoso. Quantas vezes a tua retrete não se tem admirado das constantes visitas das tuas cólicas!

Afinal não há qualquer razão para o teu receio. A República é em Portugal, segundo julgo, um facto oficialmente consumado, e praticamente iniludivel no coração

duma grande maioria dos portugueses. Tão iniludivel e inegável que, após a formidável derrota dos monárquicos em Monsanto, nunca mais a reacção monárquica se sentiu com forças para a repelir, acabando ultimamente por dar o seu apoio ao govêrno da ditadura militar. Por isso eu creio que a ideia da monarquia foi um vento mau que já passou.

Não compreendo pois a razão do teu medo ilimitado.

Politicamente, cada qual é aquilo que muito bem lhe apetece sem ter que dar satisfações a quem quer que seja. Em leis de consciência, porém, só pode ser considerado um verdadeiro cidadão o indivíduo que tem a coragem de assumir a responsabilidade das suas ideias. O dever civico não admite poltrances, nem tam pouco atitudes dúbias que permitam o indivíduo estabelecer pacto com todas as situações dominantes.

Ser monárquico, por exemplo, não é, no meu entender, um crime. Para mim é apenas uma falta de censo e uma idiotice tão grande como ser religioso. O que eu acho um crime é a identificação dum monárquico com a República ou vice-versa. A tua poltrance não é para mim tam pouco um crime. Eu não costume considerar um crime a deserção dum soldado que tem medo das balas. E não considero um crime porque essa covardia é superior à vontade da criatura. E' uma degenerescência moral ou mental e nada mais.

Tu és por isso uma degenerescência da República, como tantas que há por aí.

Do conjunto de toda essa seita desgraçada, de toda essa enorme falange de cobardes, é que o regime brotou anémico e infeliz.

Não és porém tu o culpado da miséria da tua consciência. A culpa é apenas dessa mesma republica que não te soube educar convenientemente mercê de todas as suas transigências, em muitos casos verdadeiramente infelizes, de todos os seus descuidos, de toda a sua limitada confiança na energia, no civismo, na tenacidade e no amor daqueles que, afinal, a têm atraído, como tu.

Ah! mas não tremas que o meu libelo é apenas uma lição. Nem eu nem a República nos preocupamos já contigo. A não ser para fazer de ti um homem; a não ser para fazer de ti um cidadão. Nenhum regime vive do sangue dos poltrões.

Enquanto tu continuas a um canto a tremer, com medo não sei de que visões, como o bandido perseguido pela própria consciência que é o seu juís mais severo, continuaremos nós, os homens livres, a lutar incansavelmente pelo triunfo das ideias mais puras e mais sólidas, certos de que o nosso sacrificio contribuirá para a tua felicidade e satisfeitos por nunca termos aprendido a entoar essa vergonhosa sinfonia do medo que transforma os individuos em simples farrapos humanos.

P. L.

Lêde e propague
O MONTIJO

Carteira Elegante

Aniversarios

Dia 31 de Março — D. Florencia Gil da Silva, esposa do nosso assinante sr. Francisco Maria da Silva.

Dia 1 de Abril — D. Sofia Lucas Sampaio, esposa do nosso assinante sr. Alfredo Sampaio de Oliveira.

Dia 10 — Sr. José Rodrigues.

Dia 11 — Sr. Adriano Leão Lucas Leiria, filho do sr. Adriano Leão Leiria.

Dia 12 — Sr. Augusto Casimiro Tavares, pae do nosso assinante sr. Eduardo Casimiro Tavares e o João Angelo.

Dia 15 — Sr. Domingos Vilas Alonso.

AGRADECIMENTO

Maria Guiomar Pereira Vaz e seus filhos, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que interessaram pela doença de seu sempre chorado marido e pai, Luiz Augusto Ferreira Vaz, falecido a 6 de Fevereiro p. p., em Lisboa, veem por este meio patentear a sua eterna gratidão a todas as pessoas que se interessaram e o acompanharam á sua ultima morada, não deixando de manifestar tambem o seu profundo reconheci-

mento ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Ferreira Trindade, pelo muito zelo e proficiencia com que o tratou.

Estremoz, 6 Abril de 1931.

COMENSAIS

Recebem-se com pensão completa, em rua central desta vila. Nesta redacção se diz.

VENDE-SE

Uma fazenda no corte do Eloi e na Lançada (ponto a Estrada de Sarilhos). Dirigirem-se aos herdeiros de Joaquim Aguadeiro.

Horario dos vapores

da Parçaria

Desde o dia 8 de Setembro em diante a Parçaria dos Vapores Lisbonenses tem em execução o seguinte horario.

Saida de Montijo
ás 8 e ás 14,30

Saidas de Lisboa
ás 10,40 e 16,20

DOMINGOS E DIAS FERIADOS

A carreira das 10,40 efectua-se ás 9,45.

Horario dos Comboios

Partidas de Lisboa	Chegadas a Montijo
7-25	9-05
10-55	12-43
14-15	16-00
17-25	18-50
18-30	20-28
21-00	22-58

Partidas de Montijo	Chegadas a Lisboa
7-40	9-25
10-00	11-50
13-25	15-05
16-15	18-00
19-15	21-10
21-35	23-15
	23-40

O comboio 920 que sae de Montijo ás 21-35 dá ligação em Pinhal Novo com os comboios n.ºs 852, rapido do Algarve, e 902 Omnibus.

Horario do Vapor MONTIJO

Sahida de Montijo
ás 8,15 e 13,30

Sahidas de Lisboa
ás 12 e 16,30

Domingos e dias feriados os mesmos vapores sendo alterado o das 13,30 para as 15.

Deseja V. Ex.^a obter uma maquina de costura

Naumann

que é sem duvida a melhor pois que:

COSE
BORDA
REMENDA
PASSAJA

com a melhor perfeição?

Grafonolas e discos das
melhores marcas

Procure a

Casa das Novidades

DE

Francisco Vicente Lucas

Rua Almirante Candido dos Reis

MONTIJO

VENDAS A PRESTAÇÕES

Sarilhos Grandes

Vende-se uma propriedade com terra de sementeira e vinha «O Passal» dirigir a Manuel Magalhães Meneses.

COBRANÇA

De dividas, rendas, etc, aceitam-se á comissão.

Travessa do Colegio, 3, 1.º D.

Este numero foi visado
pela Censura.

José Luiz Carneira

Praça da Republica e Rua Almirante Reis

MONTIJO

Secção de Chapelaria

completamente organizada

PREÇOS DE RECLAME! — COLOSSAL SORTIDO!

Desde o chapéu económico ao fino chapéu Austriaco
Todos os modelos — Côres da moda

PEROLA AFRICANA

DE

José Carvalho

Completo sortido de Mercenarias,
Azeites, Cereaes e Legumes

PREÇOS SEM COMPETENCIA

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Rua França Borges, J. C.

Rua da Barrosa

MONTIJO

CASA DAS NOVIDADES

DE

Francisco Vicente Lucas

Correspondente do BANCO DO COMERCIO E DO ULTRAMAR

Esta casa é a que maior sortido tem em e bonets para homem e creança, meias, peugas, artigos de malha e lãs.

Colossal sortido em Bijouterias, Perfumarias,

Brinquedos, Artigos para Brindes, Retrozaria e Papelaria.

MAQUINAS DE CUSTURA NAUMANN

Grafonolas e discos das melhores marcas

VENDAS A PRESTAÇÕES

65, Rua Almirante Candido dos Reis, 67

MONTIJO

Latino dos Santos Garrido

(em frente da adega de Jacinto Ramalho)

Ferragens, Quinquilharias
e meudesas

Tudo ao preço das fabricas

Não comprem sem confrontar
os seus preços

Rua França Borges

MONTIJO